

Memória em construção
Registro e identificação

Fabíola Celina Dos Santos

**Memória em construção
Registro e identificação**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado
ao Colegiado de Graduação em Artes Visuais da
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de
Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção
do título de Bacharelado em Artes Visuais.

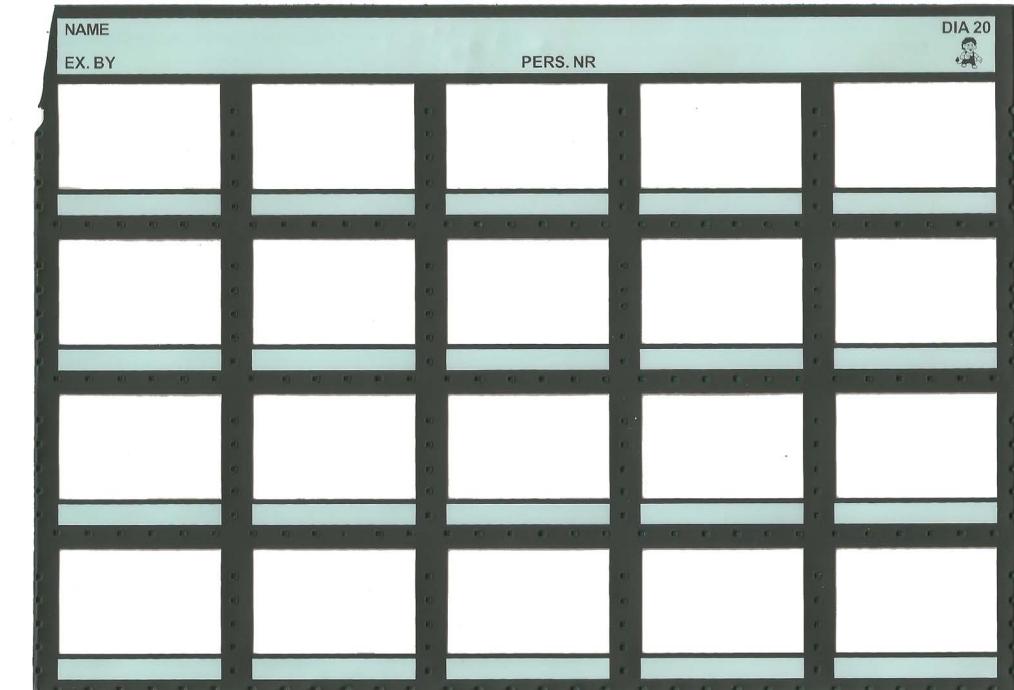
Habilitação:Artes Gráficas
Professor Orientador:Vlad Eugen Poenaru

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2018



Agradecimentos

À minha família,
que ajudou a construir este
trabalho
que é sobre eles
e para eles.



Sumário

Apresentação

Capítulo 1

- De fora- Indivíduos Distantes . 12
- Belas Artes . 16
- De dentro - Indivíduos próximos . 18
- Outro de mim . 22

Capítulo 2

- Álbum de Retratos:
Lembrança vs memória . 27

Capítulo 3

- Identificação . 32
- Retrato falado . 40
- Sozinho na Multidão . 46

Capítulo 4

- Foto de registro vs foto de identificação . 48
- Fotopintura . 56

Capítulo 5

- Memória em construção de um novo registro . 59
- Considerações finais . 68
- Bibliografia . 70

Apresentação

Este trabalho é um resultado de uma investigação
de dentro, do fundo, das origens, sobre a âncora.
Minha família.



De fora: Indivíduos distantes

12

"Retratos são mentirosos. Portanto, de agrado público. Não há quem não se engalane em poses e artifícios na certeza que a imagem - revelada e fixada pelos séculos, amém- nada mostrará da alma. Nem de pensamentos íntimos. Ou segredos, atitudes. Vício desabonador capaz de estragar a pose, transformá-la em uma nódoa. Diante do retratista, todo mundo se alvoroça. Capricha na vestimenta, incrementa os acessórios,arma o sorriso honesto de quem, nunca, nesta vida, chafurdou-se no pecado. Pelas graças do bom Deus, um retrato absolve, só registra a aparência. Inventasse o retratista um medonho equipamento capaz de imiscuir-se no avesso das pessoas, ninguém tão alegremente, exporia seus fracassos."
Menezes - O avesso do retrato, página 9

A vontade de desenhar retratos sempre esteve presente em mim desde antes de entrar no curso de Artes Visuais. Sempre gostei de desenhar, tendo sempre a matriz fotográfica como objeto de observação, desenhava o "outro distante", personagens de séries, filmes, cantores.

Comecei então a me perguntar o porquê de desenhar pessoas, preferencialmente os retratos, e não paisagens? E não objetos?

Acho que nunca me fiz uma pergunta tão difícil, talvez fosse pelo meu interesse nas expressões, ou talvez pelo meu interesse nos rostos, tudo isso faz parte sim da resposta dessa pergunta, mas acho que isso vai ainda mais longe.

Quando me via na vontade de retratar os personagens, eu queria passar tudo aquilo que sentia quando via a atuação deles naquele filme ou naquela série, mas eu poderia só passar aquilo mostrando uma foto ou contando e enaltecedo de certa forma esse personagem, mas eu queria mais que isso. Eu queria passar o que eu senti da minha forma, através do meu traço, com a minha percepção.

Pensava sempre nessa forma de ressignificar a existência desses personagens. Isso era espontâneo, fluido, sentimental. Tinha também a questão da foto escolhida, eu escolhia a foto que me marcou naquele momento do filme ou da série, aquela foto que mostrava exatamen-

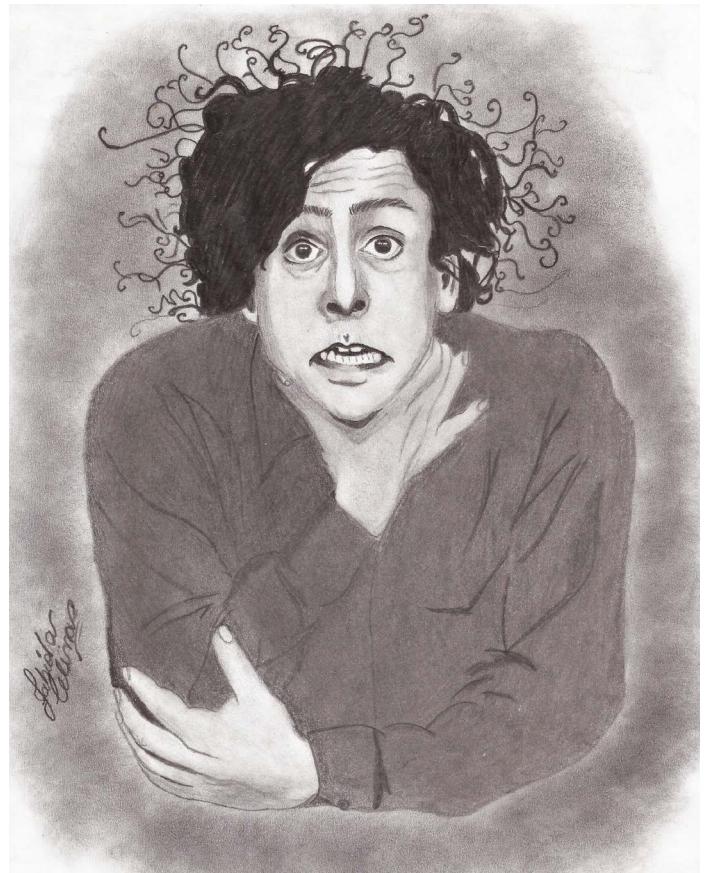
te o que eu senti vendo daquele personagem. O que quero dizer quando digo com meu traço? Acho que na arte, cada um tem um jeito muito íntimo de fazer arte, mesmo se eu seguir as técnicas aprendidas, vai ter sempre algo que vai identificar esse trabalho sendo meu, e não aquele usado como referência. Era isso que eu queria, ressignificar aquele personagem com o meu eu através daquele retrato.

Mas para que isso fizesse sentido, o retrato para mim se dava por terminado quando eu chegava no mais fiel possível da foto, o desenho realista. Eu disponibilizava para visualização nas redes sociais, e assim as pessoas poderiam ver através da minha percepção e talvez entender o porquê daquele personagem ter feito tanto sentido para mim.

Com a disponibilização desses retratos nas redes sociais, começaram a acontecer coisas que eu não imaginaria. Comecei a receber então encomendas de retratos. As pessoas escolhiam as fotos e me mandavam, escolhiam o tamanho, e eu desenhava.

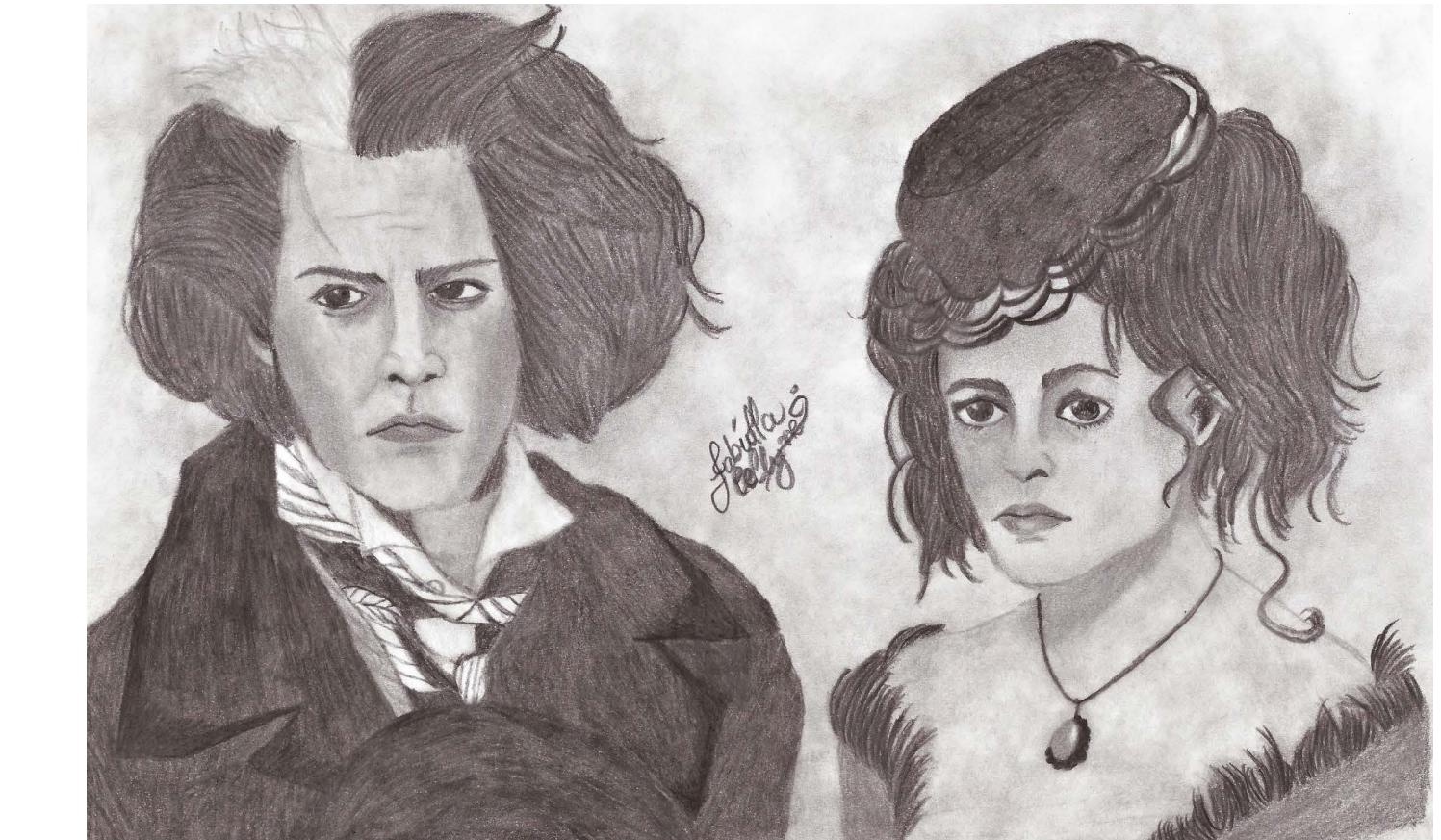
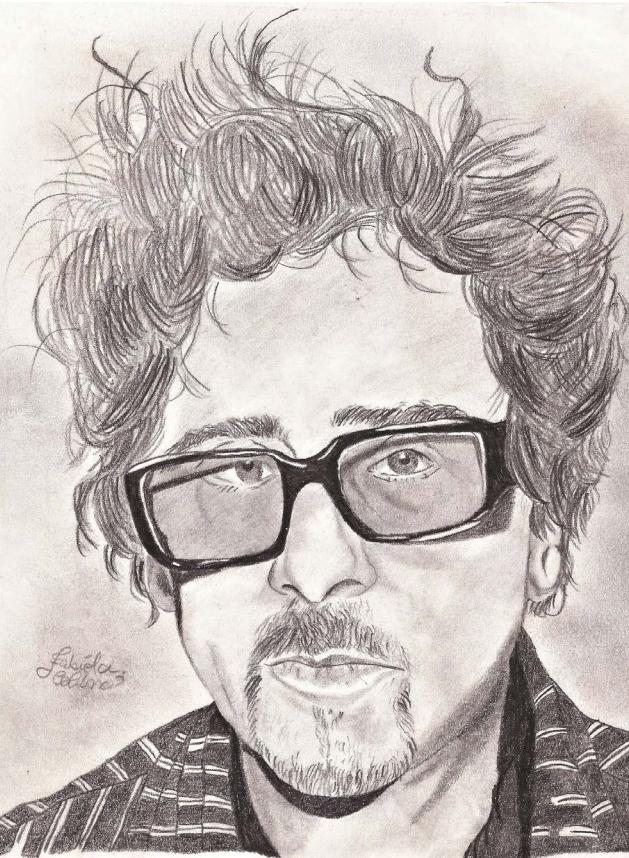
Isso acabou virando uma espécie de freelancer, um "bico". Claro que eu gostava da ideia de ganhar através disso, mas eu não sentia prazer ao retratar aquelas pessoas, acho que porque era uma obrigação. Mas, eu mantive esse bico por algum tempo até a minha mudança de cidade.

13



Tim Burton- Cineasta Americano -Lápis grafite-sulfite A4-2011

14



Sweeney Todd- Filme-lápis grafite-sulfite A4-2011

15

Belas Artes

16

“O Retrato é talvez o mais poderoso gênero da História da Arte, presente desde pelo menos o século 270 A.C. Seu fascínio sobre a imaginação humana é único: continua a ser o elo privilegiado entre a razão e o espírito mágico, que não abandona a humanidade. Isso porque o retrato tanto se entrega ao olhar do observador como o observa atentamente, o que pode ser reconfortante como ameaçador. Os “primitivos” não deixam de ter razão quando se negam a o olho da câmera, que captaria não apenas sua aparência como também sua essência. O retrato é, de fato, um constante exercício de psicologia social e individual. E é nele que se apresenta mais uma vez uma questão central da arte: representação versus expressão.” Teixeira Coelho-texto extraído da exposição “olhar a ser visto” (To look and be Seen) Masp-Museu de Arte de São Paulo 2009/2010

Quando entrei na Escola de Belas Artes, para o curso de Artes Visuais, um sonho se realizou, mas meu desenho de retrato não se encaixava nas disciplinas, pois elas demandavam outras técnicas, observação de outros objetos e o desenvolvimento de outros conceitos. Mas ele continuou comigo, apenas nas minhas vontades, continuando assim a retratar os personagens.

Continuei com a vontade de retratar os indivíduos que eu tinha, pelos quais tenho um apreço, retratando-os e tentando ressignificar a existência deles para o outro eu os observava.

Os retratos desses indivíduos distantes, não deixam de ser retratos de afeto, pois o afeto é o ato de sentir-se afetado pelo outro ou algo. Esse afeto passou a ser construído desde o primeiro contato que tive com esses indivíduos.

Passei a ser afetada e quis afetar o outro através desses retratos.

Quando cheguei á disciplina Atelier III de Ar-

tes Gráficas, com o intuito de seguir com a produção para a nossa poética, surgiu então a dúvida em mim qual era a minha poética? O que eu selecionava como trabalho que estava ligado diretamente a minha poética? Chegou a hora de descobrir, me virar do avesso. Lembrei-me logo dos meus desenhos de retrato, que no fim acabam sendo um conjunto do que sou, tanto como pessoa, quanto como artista. Me transformaram e continuam me transformando de alguma forma, em como vejo o mundo.

Percebi que nunca havia retratado ninguém tão próximo a mim, decidi então agora trazer para mais perto, retratando minha família. Como minha matriz sempre foi a fotográfica, decidi escolher as fotos que eu mais gosto, por que tenho um apreço, as fotos 3x4.

17

De dentro: Indivíduos próximos

18

Comecei a pensar na questão da ressignificação, o que eu queria ressignificar usando essas imagens da minha família, usando como foto referente as 3x4, registro meramente feito por obrigação?

Quando penso na minha família, são indivíduos conhecidos por mim, existe um afeto, mas e aos olhos dos outros? Para muitos, meu pai, minha mãe e meu irmão são somente indivíduos sociais. Pense em você, no meio de uma multidão, na correria do dia a dia. Você é apenas mais um, cumprindo obrigações.

Mas como alguém pode depositar sentimento em uma foto assim? Uma foto que tanto a pessoa quanto o fotógrafo vão dispostos a completar apenas uma obrigação. Aquele que retrata deve manter uma distância daquele que é retratado, O modelo deve ficar em uma única posição, indiferente, e assim o registro é feito.

Reconheço que existe esse hábito entre as pessoas que têm afeto uma pela outra, de

guardar essas fotos 3x4, mais comum em carteiras. Mas eu não tinha esse hábito, porque então elas eram as escolhidas?

Sempre que eu fazia uma encomenda para alguém, a pessoa escolhia a “melhor foto”, a mais bonita, na opinião dela, e geralmente me pediam para modificar algo para “melhorar”. Nas fotos 3x4, por serem padrão, esse mínimo registro é guardado e quando se é necessário expor ficamos retraídos, pois esse é o registro que menos queremos encarar.

Essas fotos são as minhas preferidas por isso, por esse menosprezo, mas para mim elas são fotos da alma.

As fotos, sejam elas feitas para oficializar um documento, ou para registrar um momento, ganham um novo olhar daquele que as retrata novamente.

Escolher essas fotos e retratá-las é uma forma de ressignificar minha família para o outro que agora as observa, que agora a conhece, que agora a encara, que agora a sente.

19



Arquivo pessoal

Nesses desenhos, escolhi
essas fotos porque temos
a mesma faixa etária.

Vivendo realidades diferentes, com
algumas coisas em comum. Traçan-
do batalhas que só nós conhecemos,
que nos fortaleceram e ajudaram a
construir quem somos hoje.



Giz pastel oleoso-canson A4- 2017

O outro de mim

22

Começo escolhendo as minhas fotos, percebo aquilo que fui, aquilo que deixei de ser, e em tudo que sou agora. Carrego bagagens do ontem, bagagens que não contêm roupas, mas sentimentos, memórias, lembranças, força e a vontade de deixar essa bagagem mais leve para encher novamente com uma nova de mim.

A passagem do tempo é nítida, as diferenças na fisionomia. Me lembro do dia em que coloquei uma foto ao lado da outra, algumas pessoas até perguntaram “é a sua irmã?” Mas são apenas um conjunto de um eu do passado, que ajudaram a construir o eu do presente.

O autorretrato como busca de mim mesma, me trouxe muitas questões, é diferente de retratar o outro, mesmo sendo o outro íntimo. Esse processo de encontrar sentido em mim mesma, me acompanha em várias fases da minha vida, mas a produção desses autorretratos revelou e continua revelando coisas mais profundas do que diz minha própria imagem.

Quando comecei a me entender como um eu social, me surgiram várias questões do que o meu eu acrescenta no meio. Eu sou só essa com feição feita por uma mistura de meu pai e minha mãe? Ou eu sou essa que tem qualidades e defeitos, medos e alegrias, fome de

conhecimento e a vontade de apenas observar o tempo passar ao mesmo tempo. Quando se olha uma foto de identificação, não se sabe o que aquela pessoa tem de bom ou de ruim, não se sabe o que ela fez para chegar

até aqui. Eu poderia inventar histórias para essas outras de mim, só pelo o que eu conheço delas ou poderia inventar histórias pelo o que não conheço delas, são sujeitos sociais, três em uma, entre milhões.



Fotos 3x4-arquivo pessoal

Giz pastel oleoso- Canson A4-2017

23



Encare as verdades-Intervenções sobre fotos 3x4 em negativo-2018

Em contraponto a esse trabalho das intervenções sobre as fotos 3x4 em negativo, uma inspiração forte, foi o trabalho do artista Alex Flemming, onde ele se debruça sobre identidade de usuários do metrô. O artista trabalha com modelos voluntários que se posicionam perante a câmera, sua identidade, seu rosto, agora espalhado pelo metrô. E são gravadas

sobre essas imagens conjuntos de letras, que nem sempre formam palavras. Um registro de identificação, como as fotos 3x4, porém ampliadas e fixadas sobre o vidro, que agora encara os demais sujeitos sociais que passam por ali, que sem demonstrar nenhum sentimento, pede para que os encare de volta e os decifrem.



Alex Flemming - Estação Sumaré-1998

"Quis refletir um pouco sobre a verdade dos olhares nos documentos, sobre a população anônima que transita conosco sentada encostada no banco ao lado e que, na maioria arrasadora das vezes, não chegamos a perceber o manancial de poesia que se esconde atrás de um muro de paletós embrutecidos ou de vestidos plissados como armaduras".

*Alex Flemming (declaração)Livro Identidades Virtuais :Uma leitura do retrato fotográfico
Página 123*

Alex Flemming também foi uma forte referência para esses trabalhos que realizei no atelier IV de artes gráficas para a exposição de formandos que aconteceu na galeria da EBA. Trabalhos que foram fruto de um experimento em uma escala maior do que eu já

havia experimentado antes. O resultado me surpreendeu, pois agora os indivíduos sociais tinham uma presença maior no espaço, e cada um que parava para os observar, também os sentia.



Sou Nós - aguada de nanquim- 1,40 m- 2018

Como bem afirma Maurice Halbwachs, um sociólogo e filósofo francês:

A memória tem um caráter múltiplo, na medida em que cada grupo cultiva um conjunto particular de lembranças.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

Álbum de Retratos: Lembrança vs Memória

O Álbum de Retratos como organizador de memórias é um tipo de documento que pode ser revisitado diversas vezes para relembrar, reviver, gravar momentos e contar histórias, pois tem uma função narrativa.

Para a construção de um Álbum de retratos, é preciso que cada lembrança particular seja doada em formato de imagem para construir uma memória coletiva. Os Álbuns podem não ser iguais na organização, mas são iguais na sua funcionalidade, de acrescentar lembranças àquela foto que foi tirada de quando você era pequeno e não recorda do momento, ou que foi contado por alguém do que se passou naquele momento, formando assim uma outra memória diferente da que

você tinha só olhando a imagem. E aquela imagem que só consegue provar sua existência quando a doação da lembrança de outra pessoa constrói a memória.

Essa memória textual, ou falada, também acrescenta naquela imagem que você tinha, de alguma lembrança diferente do que foi contado a você, ou do que você imaginava.

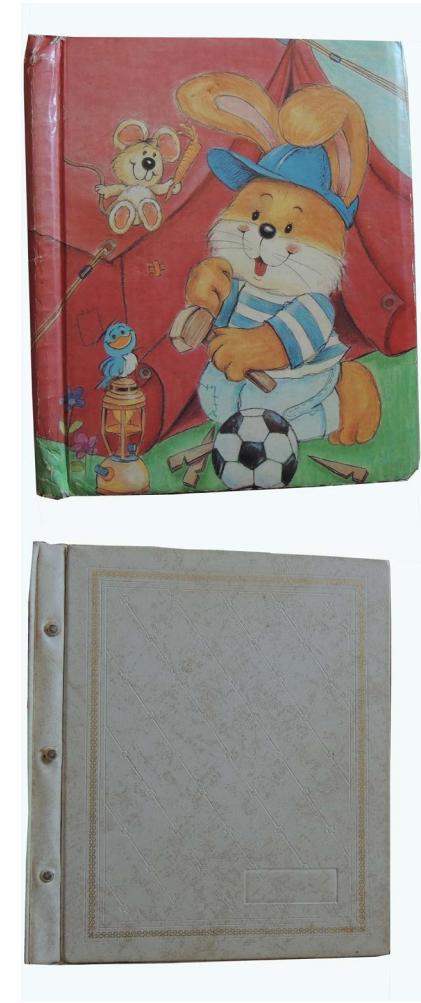
Esses álbuns físicos só passaram a existir nas décadas de 1830 e 1840, mas eram cadernos de pesquisa, livros de amostras, que eram mantidos pelos fotógrafos com as fotos “bem sucedidas”(as que deram certo), Esses álbuns contendo familiares e lares, lembranças e memórias, permaneciam dentro de círculos sociais e científicos bastante restritos.¹

Em 1854, cartão de visita, foi patenteado em Paris, por André Adolphe-Eugène Disdéri e rapidamente virou moda. Os cartões de visita apresentavam uma fotografia de cerca de 9,5 x 6 cm montada sobre um cartão rígido de cerca de 10 x 6,5 cm. A cópia era feita geralmente com a técnica de impressão

em albumina. Com a facilidade de cópias, esses cartões eram entregues pessoalmente ou pelos correios por motivos sentimentais, muitos continham dedicatórias e eram datados.

Os Estúdios fotográficos começaram a oferecer cartões de visita de pessoas famosas, realezas, políticos, atrizes. Esses símbolos de patriotismo e glamour começaram a ser trocados como figurinhas do mundo moderno. Álbuns começaram a serem usados para a preservação e apresentação destas coleções especiais. Esses álbuns de cartão de visita eram projetados como livros, encadernados, com páginas divididas em brechas, onde eram exibidas as fotos com segurança, além de permitir a reorganização das fotos. A posse desses álbuns era como uma coleção de selos ou autógrafos, passatempos comuns na época.²

Desde então os álbuns já passaram por diversos tipos de designer, nos álbuns vitorianos, cada página era decorada com flores e plantas e com temas populares da época, recortados de forma oval onde a fotografia colorida era inserida. Os álbuns de capa dura,



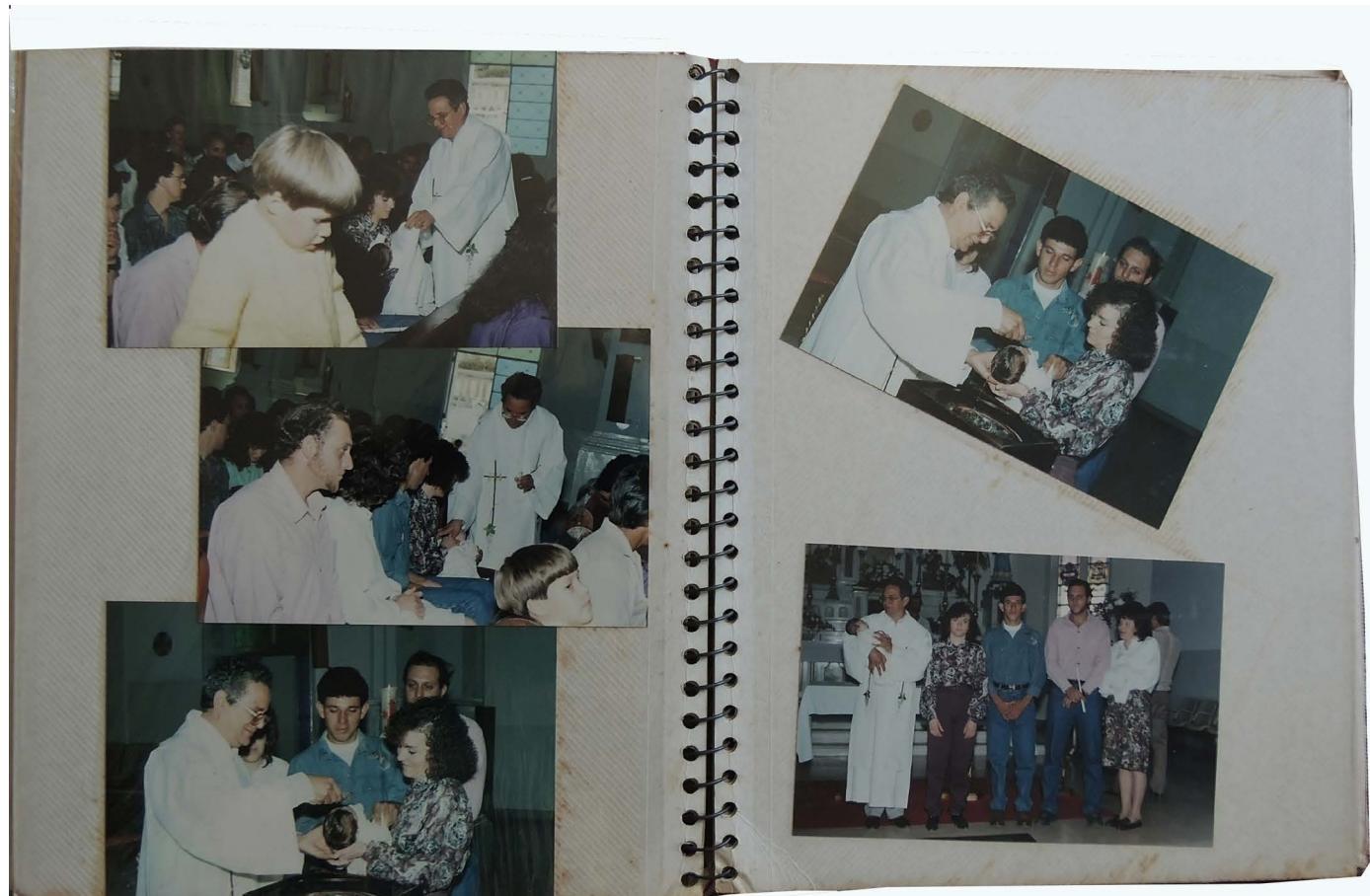
Arquivo pessoal - Álbuns da família

1 A História do Álbum Fotográfico | Origem-[ht tp://rbalbuns.blogspot.com/2012/03/historia-do-album-fotografico-parte-1.html](http://rbalbuns.blogspot.com/2012/03/historia-do-album-fotografico-parte-1.html)

2 Cartões de visita - cartes de visite - <http://brasiliayanafotografica.bn.br/?p=3873>

com arames, com plásticos, de diferentes tamanhos. Foi evoluindo com o tempo, com a popularidade e facilidade de se ter uma câmera com o passar dos anos. Ter um álbum era motivo não só de recordar momentos, mas de mostrar os momentos e memórias para o outro.

Hoje, são raros esses álbuns físicos, com a modernidade e tecnologia ao alcance de todos, temos celulares com câmeras, que podemos a todo instante arquivar fotos e ter um álbum de fotos digital. Mesmo se contratarmos um fotógrafo para uma sessão de fotos, as fotos são entregues em pen drives, e arquivadas digitalmente. São raros os álbuns montados hoje em dia. Por um lado, temos a facilidade em ter fotos arquivadas e disponíveis para visualização a todo momento; por outro, perdemos o hábito de organizar e montar os álbuns ,livro de recordações, físico, que se pega, que se sente, que tem cheiro, que ajuda a acrescentar na memória.



Página de um dos álbuns da minha família (Álbum de batismo)



Arquivo pessoal- Cartões de visita do meu pai e dos bisavós maternos do meu pai

Identificação

Assim que nascemos, a nossa primeira identificação é uma pulseira que é colocada em nosso pulso, com o nosso nome, o da mãe, o horário em que nascemos e o sexo, naquele momento se concretiza a nossa existência enquanto ser humano, enquanto pessoa. Naquele momento somos separados da pessoa que ajudou em 50% da genética que carregamos, somos seres existentes no quesito estar ali, mas ainda não no quesito social.

Logo depois que nascemos é feito o teste de pezinho, a princípio para identificar possíveis doenças, mas é também um tipo de identificação, já que a podoscopia é o processo de identificação humana através das impressões das solas dos pés. Que é mais utilizado em maternidades, na identificação de recém-nascidos.³

Nosso primeiro documento é a certidão de nascimento, a prova concreta que nascemos e que agora somos seres existentes. Porém, nesse documento ainda é apenas listado informações sobre o nascimento, sem a fotografia, mas já somos um número.

A partir de então começa uma trajetória de do-

³ O uso da Datiloscopia na Medicina Forense, Métodos de identificação-<https://fezanella.jusbrasil.com.br/artigos/151084988/o-uso-da-datiloscopia-na-medicina-forense>

cumentos para oficializar que somos seres existentes e sociais. Dentre todos os documentos exigidos, temos os que necessitam do registro de identificação com a digital e os que são apenas um número, Tais como: Certidão de nascimento, cpf, carteira de identidade, carteira de trabalho, título de eleitor. E assim, na parte da documentação exigida, é que se encontra a ciência a favor do indivíduo, nessa trajetória que é ser um ser único no meio de outros seres também únicos.

A papiloscopia é a ciência responsável pela identificação humana através das papilas térmicas encontradas nas palmas das mãos e dos pés. Dentro do estudo de identificação, encontramos a papiloscopia, método de identificação empregado sobre impressões papiloscópicas, que por sua vez, se subdivide em: datiloscopia, quiroscoopia e pedoscopia.

Quiroscopia: É o processo de identificação humana por meio das impressões da palma da mão, classificada em três regiões: tenar, hipotenar e superior.

Pedoscopia: É o processo de identificação humana através das impressões das solas dos pés. Esse tipo é mais utilizado em maternidades, na identificação de recém-nascidos.

Datiloscopia: E, por fim, o sistema datiloscó-

pico, criado em 1891 por Juan Vucetich, o qual estudava as impressões digitais ou vestígios deixados pelas polpas dos dedos em objetos ou quaisquer outros lugares em que fosse possível observar tal sinal.

Começa, então a ciência não só a favor da identificação do indivíduo para concretizar sua existência, mas também a favor de ajudar a sociedade, na investigação de crimes.

O sistema datiloscópico de Vucetich foi introduzido na medicina legal brasileira por volta de 1903, Em seus estudos, Vucetich verificou que a natureza proporcionou ao homem, como querendo diferenciá-lo dos seus semelhantes, um conjunto variado de desenhos formados pelas linhas dígitos-papilares, na face interna da falangeta de todos os dedos de ambas as mãos, diferentes entre si, os quais dão margem segura para uma perfeita identificação, sem possibilidades de erros. Representando uma verdadeira mudança nos métodos de identificação, ante sua praticidade, simplicidade, eficiência e segurança nos resultados. A eficiência do sistema datiloscópico está intimamente ligada a três fundamentais características:

a) **Perenidade:** os desenhos formados nas polpas dos dedos são formados no sexto mês

de vida intrauterina e perduram até a destruição do ser humano.

b) **Imutabilidade:** mesmo diante de queimaduras ou cortes, as cristas papilares não desaparecem, se regenerando sem apresentar qualquer mudança em sua forma.

c) **Variedade:** o desenho da polpa dos dedos é diferente em cada ser humano. Até hoje não foram encontradas duas impressões idênticas.

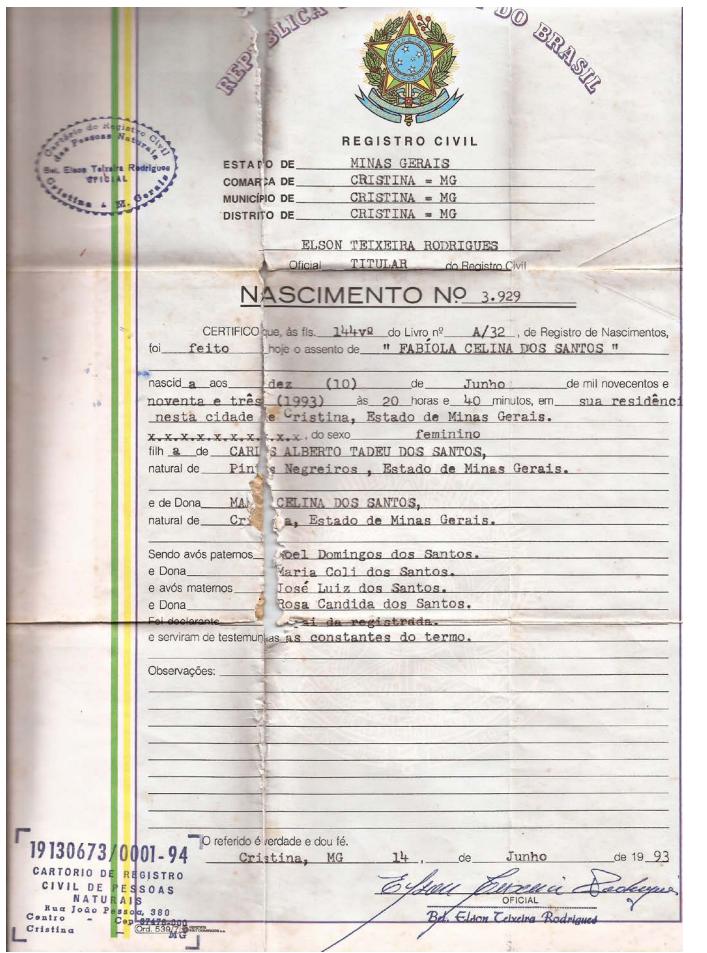
No tocante à terceira característica, variedade, há quem diga não se tratar de uma característica verdadeira. Ainda que não tenha sido encontrada uma crista papilar semelhante a outra, existem autores que dizem não haver base científica para que assim se afirme, sendo os desenhos papilares diferentes em virtude de outras características biológicas também diferentes.

Não são apenas as pontas dos dedos que apresentam desenhos. As palmas das mãos e dos pés também possuem desenhos característicos com origem na derme, imutáveis e permanentes.

Assim, as impressões digitais podem ser tanto de palmas das mãos quanto dos dedos e dos pés.



Arquivo pessoal-certidão de nascimento





Calendário de Vacinação

Hospital da Fundação
Casa de Caridade de São Lourenço

Departamento Materno - INFANTIL

Datiloscopia

Dar o selo é a melhor garantia para a saúde do bebé, pois, protege contra riscos nutrivos e infecções; confere imunidade por longo tempo.

Nome da Mãe: Maria Celina dos Santos
Nome da Criança: Fabíola Celina dos Santos
Apartamento ou Leito:
Presença materna:
Queremos cumprimentá-la pelo nascimento de seu bebê e desejar que ele cresça bonito, saudoso e muito feliz.

Conselhos Úteis

1 - Lave as mãos sempre que for cuidar do bebê.
2 - Não acostume seu filho no colo, mantenha-o no berço, em quarto arejado, sem luz intensa, afastado das visitas, mude sua posição após as mamadas.
3 - Não use faixas, cinteiros e nada que o aperte. Agarre-o no inverno e deixe-o à vontade nos dias mais quentes.
4 - Troque as fraldas e coletes sempre que estiverem sujos ou molhados.
5 - Limpe o corpo de seu filho com algodão, ou gaze esterilizada, umedecida com água fervida e morna. Dê banho completo somente após a queda do colo umbilical.
6 - Faça curativos no umbigo duas vezes ao dia com álcool absoluto.
7 - O leite materno é o alimento ideal para seu filho. Você deve com paciência e perseverança insistir para que ele possa usufruir as vantagens do leite materno para sua nutrição.
8 - Ofereça o seio à vontade a seu filho, inclusive à noite. Logo ele estabelecerá seu horário de mameada.
9 - Lembre-se: O leite materno é importante para seu filho. Prolongue o mais possível o seu tempo de utilização.
10 - Não medique seu filho sem a orientação do pediatra. Leve-o mensalmente à consulta ou imediatamente, se perceber qualquer anormalidade.
11 - Na falta do leite materno, procure a orientação de seu pediatra.

Arquivo pessoal - teste do pezinho

Datiloscopia

Trata da identificação e exame das impressões digitais, divide-se em datiloscopia civil, responsável pela identificação de pessoas para fins civis, como expedição de documentos, por exemplo; e datiloscopia criminal, que identifica pessoas indiciadas em inquéritos, acusadas em processos ou em crimes.

Atualmente, as impressões digitais são os métodos papiloscópicos mais utilizados no meio policial. Estima-se, de acordo com o entendimento de Ricardo Bina em seu livro Medicina Legal, que a probabilidade de uma impressão digital ser idêntica a outra é de 1 em 17.000.000 milhões de pessoas.

Tendo em vista que os desenhos da crista papilar se formam na derme, a simples remoção da epiderme não descaracteriza o desenho formado na ponta dos dedos, em alguns casos poderá apenas dificultar a colheita para confronto.

No caso de cadáveres, a impressão digital dura até a fase coliquativa, ou seja, quando a derme passa a ser destruída pela putrefação do corpo.

Somente torna-se impossível a percepção dos desenhos das polpas dos dedos no caso de

queimaduras de 3º grau, onde há total destruição de tecidos internos e mais profundos, não havendo qualquer possibilidade de identificação datiloscópica. Classifica-se, as impressões datiloscópicas em quatro tipos: arco, presilha interna, presilha externa e verticilo.

1) Arco: datilograma geralmente adético, formado por linhas que atravessam o campo digital apresentando em sua trajetória formas mais ou menos paralelas abauladas ou alterações características;

2) Presilha interna: é o datilograma com um delta à direita do observador, apresentando linhas que, partindo da esquerda, curvam-se e volta ou tendem a voltar ao lado de origem, formando laçadas;

3) Presilha externa: é o datilograma com um delta à esquerda do observador, apresentando linhas que, partindo da direita, curvam-se e volta ou tendem a voltar ao lado de origem, formando laçadas.

4) Verticilo: é o datilograma com um delta à direita e outro à esquerda do observador, tendo pelo menos uma linha livre e curva à frente de cada delta.



O sistema criado por Vucetich é o utilizado até hoje.

A cada tipo de impressão digital são atribuídos números e uma letra. É a partir daí que se compõe a fórmula dactiloscópica, conhecida como "Sistema Dactiloscópico de Vucetich".⁴

Os portadores de Síndrome de Nagali não possuem as cristas papilares. Sabe-se que a causa dessa desordem está atrelada ao mau funcionamento da proteína '*cretin 14*'. O problema resulta em uma pele fina e lisa nos dedos, palma da mão e planta do pé. As pessoas com essa síndrome costumam ter unhas, dentes e cabelos mais frágeis e a pele pode apresentar manchas marrons irregulares pelo corpo.

Estima-se que, aproximadamente três mil

pessoas no mundo, tem esse defeito genético raríssimo que impede a formação das digitais no feto. A probabilidade de um indivíduo nascer com essa alteração genética é de 1: 3.000.000. Contudo, o motivo da falta de impressão digital não é somente congênita. Pode-se perder as digitais ao longo da vida, seja por acidentes, problemas biológicos associados ao clima e contato com produtos químicos, por exemplo.

Os portadores dessa síndrome e os indivíduos que perderam as impressões digitais ao longo do tempo têm dificuldade em fazer atividades simples do dia a dia, como por exemplo, ler um livro, segurar objetos como copos, caminhar descalços em superfícies lisas por causa da perda da aderência nas mãos e planta do pé.

Como ocorre a identificação dessas pessoas? a alternativa mais viável para reconhecimento é a biometria, onde dispositivos eletrônicos identificam o formato do rosto e da íris, únicos em cada pessoa. E um fato curioso, no caso de indivíduos saudáveis que perdem as digitais com o passar do tempo, a identificação é feita pelos dedos maiores dos pés ou pela arcada dentária.⁵

⁴ O uso da Dactiloscoopia na Medicina Forense, Métodos de identificação-<https://fezanella.jusbrasil.com.br/artigos/151084988/o-uso-da-dactiloscoopia-na-medicina-forense>



Carlos



Celina



Fábio



Fabíola

Retrato Falado

O objetivo de um retrato falado, é auxiliar uma investigação policial, diminuindo o número de suspeitos e apresentando um rosto com características semelhantes às do indivíduo procurado. Sendo a parte principal de um retrato falado, o rosto.

O retrato falado é uma construção representativa de uma pessoa por meio de uma imagem, com base em seus aspectos físicos gerais, específicos e características distintivas. Vários métodos foram desenvolvidos ao longo da história, para auxiliar a reconstrução da imagem de agressões ou autores de delitos graves.

Antes, o retrato falado era realizado de maneira mais prática, por desenhistas, que com suas habilidades, procuravam retratar o indivíduo com a descrição transmitida pela vítima, ou testemunha.

Mais tarde, foram desenvolvidas técnicas e estratégias de identificação, a partir de catálogos, ou banco de imagens dos diversos componentes do rosto e do restante do corpo, a partir das diferentes concepções de raça e biotipologia humana.

A história do retrato falado teve início em 1881, na Inglaterra, com Percy Lefroy Mapleton, quando se viu envolvido na morte de duas

pessoas enquanto viajava no trem que fazia o trajeto Londres, Brighton.

Mesmo assim, a história de Mapleton em seu “famoso retrato” não ocupa um lugar de honra na história da criminalística e da investigação policial. Este caso ficou mais conhecido como o “assassino da ferrovia”, apelido criado na época pela imprensa.

Mapleton então, sem nenhuma prova concreta sobre o seu envolvimento no assassinato, se encontrava foragido. Pouco tempo depois o corpo de Issac Gold, um negociante de moedas, foi encontrado em um túnel ferroviário. Depois de quatro dias, o jornal Daily Telegraph publicava um retrato falado de Mapleton.



No primeiro retrato falado da história, houve a preocupação do desenhista encarregado de cobrir o julgamento em retratar o mais parecido com a realidade, e que o indivíduo mantivesse sempre uma pose tranquila.



12. PERCY LEFROY MAPLETON,
WHO KILLED MR. GOLD ON THE
BRIGHTON LINE.

Foto real de Mapleton

Esse caso é de suma importância na história das ciências forenses, principalmente por ter sido o primeiro retrato falado registrado em cartaz e jornal.

Mapleton foi executado em 29 de novembro de 1881 e o retrato falado passou a fa-

zer parte das investigações policiais por todo o mundo.

Este registro é importante, para entender a relevância desse mecanismo utilizado atualmente com o auxílio da tecnologia existente à disposição dos peritos de todo o mundo.

Alphonse Bertillon (considerado o pai do retrato falado) foi o precursor da Identificação Humana, criando vários métodos de identificação. Bertillon era um oficial da polícia francesa, e em 1870 fundou o primeiro laboratório de identificação criminal baseada nas medidas do corpo humano, criando a antropometria judicial, conhecida como sistema Bertillon, sistema de identificação adotado rapidamente em toda a Europa e os Estados Unidos, e utilizado até 1970. Ele também é fundador da polícia técnica, criando o famoso método de identificação de criminosos por impressões digitais (antropometria).

Evoluindo na história, pode ser citado o processo denominado de Photofit, inventado pelo francês Jacques Penry, que foi uma invenção da polícia nos primórdios de 1970 para facilitar e aprimorar o retrato falado.

Constava de uma caixa de madeira, contendo tirinhas em papel separadas por partes do rosto (olhos, nariz, boca, etc.). Continha, in-

clusive, transparências para acrescentar figuras, como óculos e cicatrizes. Esse catálogo facial se tornou interessante, pois auxiliava a polícia na falta de artistas com facilidade para desenhar o rosto humano.

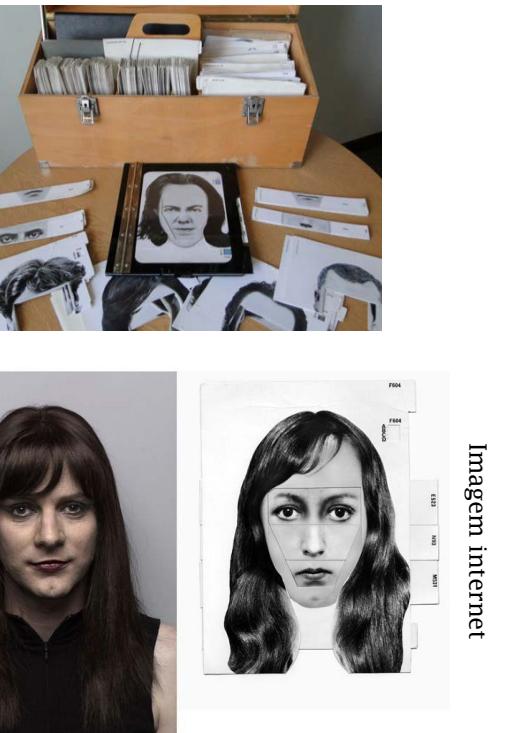


Imagen internet

Com a evolução das tecnologias, alguns métodos se tornaram obsoletos. Enquanto os sistemas de computador eram desenvolvidos, o sistema em E-FIT, lançado em outubro de 1988, desenvolvido e comercializado pela Aspley Ltda, permitia que um operador pudesse recorrer a uma biblioteca de recursos armazenados no computador e, em seguida, alterasse características, usando um software especial, que correspondia à descrição de uma testemunha.

No Século XIX, uma pessoa de importantíssima contribuição para todo esse desenvolvimento do paradigma indiciário foi Giovanni Morelli, Historiador de arte e político, seus livros se tornam muito incomuns, quando comparado aos de outros historiadores. São polvilhados com ilustrações de dedos e orelhas, registros precisos de pessoas investigadas, com minuciosas características.

No Brasil, o lançamento da nova ferramenta para o combate ao crime – o Projeto Horus [5] é uma tecnologia desenvolvida por papiloscopistas, policiais federais e servidores administrativos do Instituto Nacional de Identificação. Este projeto começou a ser desenvolvido em 2005. O sistema elabora retratos falados de alta qualidade. Esta ferramenta praticamente consagrada a identi-

ficação de criminosos, está sendo utilizada nas investigações policiais de todo o mundo.

A inovação apresentada pelo projeto consiste na criação de um banco de imagens coloridas em alta definição e no desenvolvimento de um conjunto de técnicas de equalização de tons de pele, inserção de marcas e acessórios, projeções de envelhecimento e simulação de disfarces.

A inovação apresentada pelo projeto consiste na criação de um banco de imagens coloridas em alta definição e no desenvolvimento de um conjunto de técnicas de equalização de tons de pele, inserção de marcas e acessórios, projeções de envelhecimento e simulação de disfarces.⁶

⁶ AZEVEDO, Maurício Goez de / FARIA, Rubens Alexandre de. RETRATO FALADO - A EVOLUÇÃO DO MÉTODO INDICIÁRIO PARA RECONHECIMENTO FACIAL. 2014. Programa de Pós-graduação em Engenharia Biomédica - PPGEB - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Hoje com a tecnologia, em muitas delegacias o retrato falado é feito no photoshop, como na delegacia que eu tive o prazer de visitar.

Todo o processo leva, em média, duas horas para ser concluído. A estratégia envolve fazer e desfazer algumas das 25 mil combinações de traços disponíveis no banco de imagens da Polícia Civil.

As referências são fotografias de partes do corpo de qualquer pessoa que tenha sido identificada pela polícia como autora de um crime.

1- A vítima ou testemunha comece informando ao policial o sexo e a idade aproximada do suspeito. No banco de dados, geralmente há rostos de três faixas etárias: menores de 20 anos, adultos de 21 a 45 anos e maiores de 46 anos. Entre os mais jovens, o rosto ainda está em definição. Os adultos têm a face estável e, depois, começam a aparecer rugas e a expressão fica caída.

2- No banco de dados, a vítima escolhe um

dos rostos, divididos por etnia (brancos, pardos, negros, indígenas) e por formato (arredondados, ovalados ou quadrados). Os rostos vêm vazios, com olhos, nariz e boca “apagados”. O cabelo também é adicionado. Para engordar ou emagrecer um rosto, os retratistas usam ferramentas do Photoshop, como o filtro Liquify (“Dissolver”).

3- O passo seguinte é escolher entre as opções de olhos e sobrancelhas.

4- A escolha do nariz entre as diversas opções do banco de dados é a etapa seguinte. Nessa fase, com o rosto já tomando forma, os retratistas já começam a uniformizar a cor da face – como cada parte veio de um arquivo diferente, uma ferramenta do Photoshop é usada para deixar a pele mais homogênea.

5- Para completar o rosto, a boca é adicionada. O retratista também acrescenta eventuais barbas (desde as mais ralas às mais compridas) e formatos de bigode ao rosto do suspeito.

6- O último passo é a colocação de “adornos”. Os policiais têm bancos de dados com vários tipos de brincos, piercings, tatuagens, cicatrizes, covinhas, lábio leporino, falhas de dentição. E está pronto o retrato.⁷

Um trabalho menos conhecido dos artistas forenses é fazer retratos atualizados de crianças desaparecidas. Com base em fotografias antigas e na aparência de familiares (mães, pais e irmãos), o retratista usa também o Photoshop para “envelhecer” a foto. Mas não é só a genética que conta. Os policiais entrevistam a família também para saber os hábitos da criança.⁸

⁷ Dados de visita realizada à polícia civil de Belo Horizonte no dia 07/10/2018.

⁸ <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-feito-um-retrato-falado/>

Sozinho na multidão

Depois de tantos dados sobre como a ciência e a polícia nos ajudam no quesito identificação, podemos refletir sobre como nós acabamos nos tornando apenas mais um, sozinho no meio da multidão.

Você pode ser um indivíduo com sentimentos, qualidades e defeitos no seu ambiente de lazer, mas na sociedade somos reprimidos cada vez mais em ser um número, um sujeito sem sentimentos, que só oferece seus serviços ao outro a fim de produzir, comprar, vender, gastar, adquirir conhecimento ou oferecer conhecimento.

Estamos sempre tentando lembrar o outro da importância da empatia, sobre o pensamento de colocar-se no lugar do outro.

Sabemos a importância dessas evoluções sobre a identificação, mas fica a reflexão, somos seres humanos ou robôs?



Construa uma nova identidade-intervenções nas fotos 3x4-2018

Foto de registro vs foto de identificação

48

As fotos 3x4 tiveram início quando Getúlio Vargas sancionou a consolidação das leis do trabalho (CLT), em 1943, na época também nasceu o documento mais cobiçado pelos trabalhadores ainda hoje, a Carteira de Trabalho e previdência social, com a exigência de que, logo em suas primeiras páginas fosse incluída a foto, um retrato 3x4, de seu portador.

O retrato naquela época ainda um fascínio, apenas realizado em estúdios pela classe social mais alta. Quando foi sancionada a consolidação dessas leis trabalhistas, as classes mais pobres puderam pela primeira vez ter acesso a um estúdio fotográfico para serem fotografadas, mesmo que sendo uma foto feita por obrigação. O artista Assis Horta, Diamantinense, começou então a trabalhar para realizar esses retratos, que deu origem a exposição: Assis Horta: A democratização do retrato fotográfico.

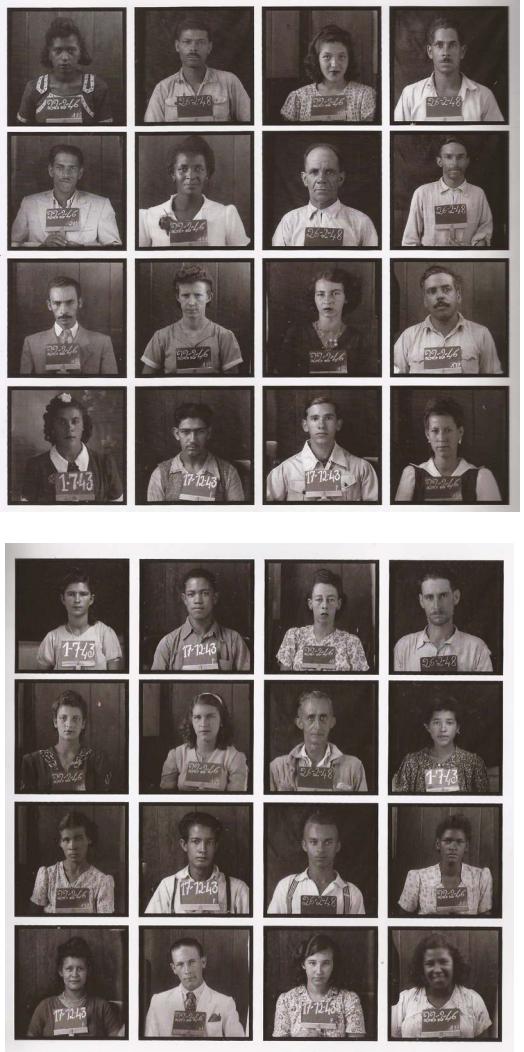
O privilégio que se refletia nos incontáveis registros da família imperial e da aristocracia da república velha, tornou-se espelho do povo. Em cada retrato da série exposta, há um olhar estético de um fotógrafo admirável. Mas há também o novo olhar sobre si mesmo que veio revelar ao trabalhador uma

perspectiva outra de vida. A partir da Carteira de Trabalho, seguro de si e da família, cabeça erguida no quadro social, ele faz pose para aparecer na história do Brasil. Pela lente de Assis Horta, a família do trabalhador diamantinense, refaz o verso de Drummond.

"O retrato na parede inunda o País de alegria, e ao chegar agora ao Palácio do Planalto simboliza todas as famílias brasileiras que se unem nas esperanças renovadas no natal".

A fotografia de identidade civil em seus primórdios, por se tratar de uma técnica que era dominada somente por fotógrafos, nos mostra aspectos que avançam sobre o retrato. Iluminação do rosto, uso de vestes como chapéu e até mesmo o gestual são encontrados aqui. É uma classificação artística de uma sociedade.

"... É de 1310 a recomendação de Pietro d'Abano de que o retrato deveria expressar a aparência e a psicologia, ou da alma, do retratado."
Teixeira Coelho



Assis Horta: A democratização do Retrato fotográfico através da CLT.

49

O retrato fotográfico é um extenso exercício de relacionamento entre fotógrafo e o modelo. Um leve desvio do olhar, uma testa que franze, um pensamento, podem mudar um rosto de uma história.⁹

Foto de Registro

Registrar um momento, congelar um instante, contar histórias através da fotografia. O registro, carrega todo um sentimento, uma memória construída a partir de lembranças emprestadas, como os registros de álbuns de retratos.

As fotos de identificação pensando pelo lado sentimental, também são carregadas de histórias por trás delas, só não evidenciamos quando tiramos a foto.

Quando me dispus a recolher essas fotos 3x4 da minha família, não cheguei a pensar que estaria pegando fotos de identificação, que são frias, e colocando sentimento nelas, mas com o aprofundamento dessa pesquisa em torno de registro e identificação, isso ficou cada vez mais claro.

⁹ Assis Horta: A democratização do Retrato fotográfico através da CLT.

Quando comecei então a retratá-las novamente, eu já estava colocando algo meu ali, e isso se intensificou quando, por curiosidade, perguntei um dia para minha mãe o que ela se lembrava daquela foto 3x4 que eu havia pegado dela. Quando ela me contou toda uma história, uma lembrança que desconstruiu uma memória ilusória que eu tinha sobre aquela foto e construiu uma nova no lugar, mesmo que não tão bonita como eu tinha construído antes.

Fotopintura

As fotopinturas nada mais são do que fotos de identificação que foram usadas para fazer uma foto de registro, colocando sentimento nas fotos 3x4, dando vida a elas.

A colorização desses retratos era feita posteriormente, aplicando-se anilinas e pigmentos sobre a imagem, com técnicas diferentes. O processo de colorização, por ser feito após o processamento fotoquímico, não era considerado fotográfico, apenas decorativo.

O retrato fotográfico colorizado se popularizou ao longo do século 20 devido ao baixo custo de produção e ao aparecimento da impressão em cor (litografia e clichê). Artistas de cinema e teatro, propagandas e anúncios

usavam o recurso da gravura ou fotografia colorizada para sua divulgação. Os retratos de artistas inspiravam pessoas comuns a copiarem seu estilo de viver e vestir, sendo possível observar isso nos retratos pintados à mão nos estúdios, entre a décadas de 1930 e 1960.

Processo de fotopintura tradicional

O processo tradicional da fotopintura é feito em três etapas: na primeira, faz-se a reprodução e ampliação do retrato original, geralmente a partir de uma foto de documento 3x4 em preto e branco. Depois, o recorte do rosto e a construção de um fundo. A última etapa é o detalhamento do rosto e a inclusão dos adereços (joias, terno, vestido), de acordo com as anotações do vendedor no envelope, feitas no ato da encomenda.

A fotopintura também chamada de crayon portrait, pela utilização do pastel na pintura das fotografias, envolve etapas e profissionais diferentes na sua realização.

Loteamento e repasse: na recepção da encomenda, o vendedor tinha o controle do encaminhamento, em lotes, para a pintura e repasse da qualidade final do trabalho.



Imagens do livro:
Júlio Santos- Mestre da Fotopintura

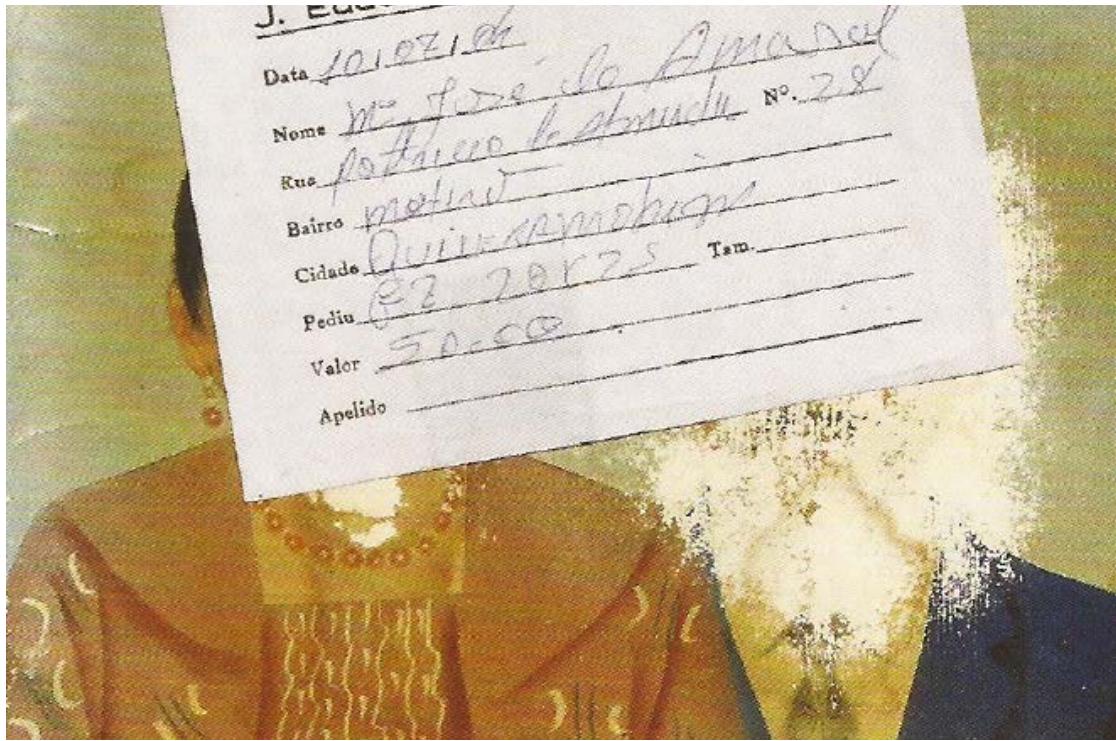


Imagen do livro: Júlio Santos- Mestre da Fotopintura

A Reprodução, sendo as fotos 3x4, o contorno, com o recorte do rosto negativo, reproduzido com tinta opaca, apagando os relevos do cabelo, ombro, roupa e fundo.

A ampliação dessa cópia em positivo do negativo reproduzido, ampliado em papel fotográfico. Depois do processo de revelação química do papel, era feita a lavagem do papel para serem retirados os resíduos químicos da cópia. Depois da secagem, inicia-se a colagem num cartão.

O retoque então é feito, uma pintura da primeira camada no rosto e pescoço, traçando-se o formato dos olhos, boca e retocando-se as rugas, sombras, imperfeições da pele, cabelo e luzes. Esta é a etapa mais delicada e por isso é executada pelo oficineiro mais experiente e talentoso.

Depois de retraçado o rosto, colorem-se as maçãs do rosto, os olhos e as sobrancelhas. Desenha-se então o traje conforme solicitado na encomenda, depois são feitos os últimos retoques, para retirar falhas.

Retira-se então o excesso de tinta, criando-se luzes nos cabelos, nos olhos e no fundo, depois disso é feita uma última revisão do trabalho antes da entrega.



Imagen do livro: Júlio Santos- Mestre da Fotopintura

Papéis fotográficos

Papel fibra: feito de celulose com camada de gelatina e sais de prata, apresenta fácil absorção de tintas à base de água e outros solventes.

Papel resinado: Feito de resina sintética com camada de gelatina e sais de prata, que não absorvem facilmente outros pigmentos e tintas.

No Processo digital, os papéis utilizados para impressão a jato de tinta ou laser podem ser de resina, de celulose ou de algodão.

Processos utilizados para pintura, retoque e acabamento

Tinta Seca: para pastel oleoso ou pigmento puro.

Tiras de Kodak: pigmentos solúveis à base de água impressos em tiras coloridas, utilizados com pincel umedecido à base de água.

Látex: tinta acrílica à base de água.

Terra de siena: pigmento cor de terra usada para colorir a área do rosto.

Pistola: compressor com jato de tinta para pintura e agulhas de diferentes formatos.

Esfuminho: Bastão de papel utilizado para espalhar o pastel sobre o papel.

Técnicas de acabamento

Vitreluz: na montagem, o original é pintado e é montado o cartão, em base de madeira e cobertura em verniz, acetato ou plástico.

Convexage: Prensa convexa para montagem de retratos em molduras ovaladas e vidros convexos.

Retratos Realizados com o recurso do photoshop

O novo processo de fotopintura é realizado por Júlio Santos no photoshop desde 2005, com raciocínio idêntico ao aplicado no processo tradicional, usando as ferramentas do programa de recorte e tratamento por camadas. O escâner é utilizado para reprodução do original.

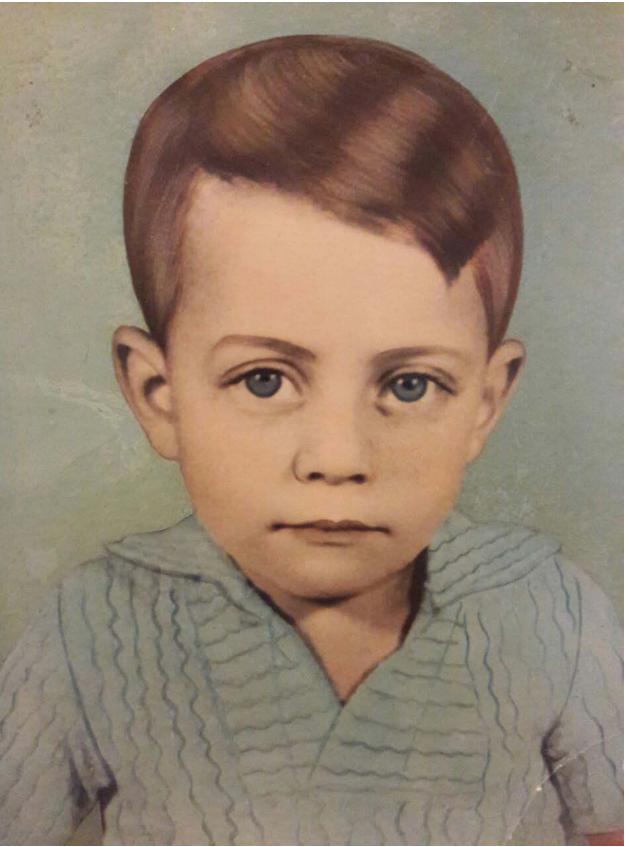


Imagen do livro: Júlio Santos- Mestre da Fotopintura

Fotopinturas encontradas na minha família



Foto do meu pai usada para criação da fotopintura.



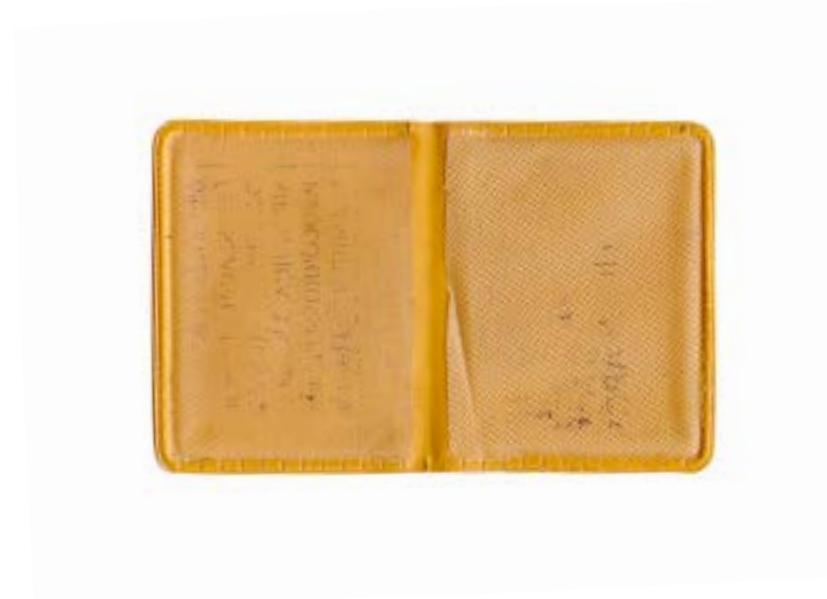
Tio Domingo



Bisavó e tia avó



Avós maternos



Memória em construção de um novo registro



Celina,

Nessa época, com o rosto sem tantas marcas da vida, mas já com marcas do cansaço.
Você com a idade que eu tenho hoje, trabalhando na lavanderia do hospital,
As enfermeiras que eram as freiras, mais conhecidas como "as irmãs", elas te
infernizavam.

Te colocavam para carregar malas de roupas sujas de hospital,
Poderia ter pegado uma doença, como aquela vez que você pegou hepatite B, um perigo!
Sorte que foi só daquela vez.

Você escolheu ir morar na cidade para estudar, deixando para trás sua mãe e seus irmãos
na roça.

Foi morar com a tia Terezinha.

Lembro quando você me contava que sempre pensava em desistir, trabalhar e estudar
era difícil demais.

Mas a tia sempre falava que no futuro você ia agradecer a ela por não te deixar desistir.
Logo mais tarde você fez o técnico de enfermagem e saiu da lavanderia pra ser
enfermeira do hospital.

Hoje te vejo sempre correndo para dar conta de tudo, cuidando da tia que agora vive na
cama, fazendo almoço para o pai que chega daqui a pouco.

Você ainda sente falta do hospital, de chegar em casa cansada do plantão, de reclamar,
da noite difícil.

A gente tenta de tudo para te deixar mais feliz, o Fábio te dá flor, eu te dou perfume,
você adora, a gente sabe. Mas acho que no fundo você queria mesmo uma folga de tudo.



Carlos,

Nessa idade você ainda tinha cabelo, trabalhava no almoxarifado de Dom Viçoso.
Nos serviços gerais, e as vezes te chamavam para trabalhar de segurança noturno.
Você deixou de estudar, a vó te obrigava a trabalhar.
Desde pequeno você saia para vender coisas na rua de porta em porta, e ainda nos finais
de semana você ajudava na vendinha.
Ela tinha ciúmes da mãe, também você era filho único.
Hoje te vejo na correria, trabalha na fábrica de luva, é cortador.
Ajuda a mãe em tudo, as vezes fica estressado com ela, é que ela é muito exigente.
Você chora fácil, sempre que vê algum programa bobo na tv. Sou muito parecida com
você, não só nos olhos.



Fábio,

A gente era bem unido, mais que hoje.

Eu sempre ficava rindo de tudo que acontecia com você,

Acho que você era um pouco azarado,

já sofreu:

Tombo da escada, já foi atropelado, caiu um moerão com um prego na ponta bem no meio da sua cabeça, já bateu em um poste descendo o morro de bicicleta, prendeu o pé na arraia da bicicleta, enfim você é um sobrevivente.

É até hoje, você é a pessoa mais forte que conheço.

Nunca desiste de nada, e quando está tudo ruim você sempre arruma um jeito de consertar.

Você enfrentou muitas coisas para conseguir viver a sua vida como você é em paz.

Sua mudança de cidade te ajudou a crescer e ser uma pessoa melhor, eu vejo essa evolução e sinto orgulho.



Fabiola,

Você teve a coragem de sair de uma cidade pequena para morar e estudar em uma cidade grande.

Foi a realização de um sonho, quando viu seu nome lá na lista de aprovados para um curso que você sempre sonhou em fazer.

Foi uma caminhada difícil até aqui, muitas conquistas, mas muitos desafios também. Aprendeu a se virar sozinha, cresceu, evoluiu e ainda acredita que precisa evoluir ainda mais como ser humano.

As bagagens que te trouxeram até aqui, algumas foram deixadas para trás, e outras ainda permanecem.

Outros sonhos apareceram, você descobriu que pode ser boa em outras coisas, que é determinada e que vai conseguir apesar dos pesares.

Você não sabe o que vai ser daqui para frente, mas agora você sabe que é mais forte do que antes e que sua família é a sua âncora que nunca te deixa afundar.

Considerações Finais

Como uma boa investigação, essa não acaba tão fácil assim.

Essa memória em construção teve início pela vontade de retratar a minha família e, com isso, fui me desvendando e descobrindo sobre a minha história, que antes permanecia no silêncio dos retratos.

Foi no desejo de ir mais afundo que descobri sobre métodos de identificação, sobre a técnica incrível de fotopintura, reconheci e reafirmei sobre o nosso lugar no mundo como sujeitos sociais.

Através deste trabalho, encontrei o caminho que me permitiu um enriquecimento prático e teórico. Desta maneira, posso afirmar que permaneço aberta a novos desdobramentos.

Bibliografia

FABRIS, Annateresa. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. editora UFMG, 2004.

SANTOS, Júlio. Mestre da Fotopintura. Tempo d'Imagem, 2010.

HORTA, Assis. a democratização do retrato fotográfico através da CLT. Studio Anta, 2014.(catálogo)

Álbum de retrato: A História do Álbum Fotográfico |Origem <<http://rbalbuns.blogspot.com/2012/03/historia-do-album-fotografico-parte-1.html>>
Acesso em : 03 de setembro de 2018.

Cartão de visita: cartes de visite-< <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=3873> >
Acesso em: 3 de setembro de 2018.

Métodos de identificação- O uso da Dati-loscopia na Medicina Forense, Métodos de identificação <<https://fezanella.jusbrasil.com.br/artigos/151084988/o-uso-da-dati-loscopia-na-medicina-forense>>Acesso >
Acesso em :3 de setembro de 2018.

<<https://diariodebiologia.com/2014/11/pessoas-com-ausencia-completa-de-digitais-sindrome-de-nagali/>> - acesso em-3 de setembro de 2018

RETRATO FALADO – A EVOLUÇÃO DO MÉTODO INDICIÁRIO PARA RECONHECIMENTO FACIAL. Maurício Goez de Azevedo*, Rubens Alexandre de Faria Programa de Pós-graduação em Engenharia Biomédica – PPGB
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-Curitiba-Paraná- Brasil / XXIV Brazilian Congress on Biomedical Engineering – CBEB 2014

Sobre retrato falado: dados de visita realizada à polícia civil de Belo Horizonte no dia 07 de Outubro de 2018.

<<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-feito-um-retrato-falado/>> - acesso em:3 de setembro de 2018

